Centenário de Nascimento de José Oswaldo de Araújo

JOSÉ AMAURY DE ARAGÃO ARAÚJO

Expressar, em nome da família de José Oswaldo de Araújo, a gratidão pelas homenagens prestadas pelo Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico, nesta sessão solene comemorativa do Centenário de nascimento de seu dedicado sócio efetivo, é, para mim, tarefa honrosa e gratificante. Porém, ao mesmo tempo, delicada e de grave responsabilidade.

Após as expressivas palavras de exaltação e cordialidade proferidas, em nome desta Instituição pelo seu ilustre sócio José Caminha Alencar Araripe, no panegírico há pouco pronunciado, minhas obscuras expressões têm apenas o valor do contraste em uma tela de Rembrandt.

Fácil poderia ser para mim falar sobre a vida, a personalidade e as realizações de meu Pai, cuja longa convivência conosco ainda preservamos na saudade.

Difícil é deixar de repetir, para vários dos ouvintes, qualidades e episódios proclamados há menos de 10 anos, quando este Instituto dedicara à memória de Oswaldo Araújo uma reunião igualmente festiva, celebrando evento significativo como o presente. É que, naquela ocasião, fora eu o mensageiro do reconhecimento de seus descendentes e a Casa do Barão de Studart se fizera ouvir pela voz luminar, sábia e amiga de Raimundo Girão.

Tão singelos foram os feitos do homenageado e modesta a sua pessoa que, para divulgar-lhe as virtudes, me ocorreram os versículos de São Mateus: "todo escriba versado nas coisas do reino é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas".

E o tesouro de meu Pai foi seu próprio viver. Verdadeiro, límpido, exemplar.

A temática do meu pronunciamento de então, transcrito na Revista do Instituto do Ceará, edição de 1985, foi o enfoque estrutural de José Oswaldo de Araújo.

Sua biografia, sua personalidade, seus feitos.

Agora limito-me a ressaltar aspectos complementares de seus empreendimentos e de sua convivência.

José Oswaldo de Araújo, durante toda sua existência, cultivou os mesmos valores e palmilhou a mesma trilha legada pelos seus ancestrais respeitáveis e modelares.

A retidão do caráter, o trabalho, a modéstia, a amabilidade e o amor a Deus foram seu luzeiro e seu escudo.

Origem e Descendência

Descendente pela linhagem paterna do Capitão-mor Mateus Mendes de Vasconcelos, fidalgo português expatriado pelo Marquês de Pombal e, pelo ramo materno, da Princesa Florenz Bayer van Utrecht, mãe do Papa Urbano VI, os pais de José Oswaldo de Araújo – José Lourenço de Araújo e Maria do Carmo de Araújo – nasceram em Santana do Acaraú.

Transferindo ambos residência para a cidade de Ipu, ali uniram-se em matrimônio e nasceram seus oito filhos. Oswaldo foi o terceiro descendente e o primeiro varão.

Também em Ipu, José Oswaldo de Araújo, aos 25 anos casou-se com Maria Estrela Carvalho Aragão, sua meiga e bela Estrellinha, na aurora dos seus 20 anos. Precocemente falecida em Fortaleza aos 38 anos, deixou na orfandade quatro filhos.

À memória de Mamãe, Papai dedicou o soneto *Estrelas*.

Estrelas
(Coincidência)

Reza a tradição bíblica que, outrora,
no sexto dia do primeiro mês,
Uma estrela fulgente, antes da aurora,
Guia aos do oriente soberanos fez.

E a caravana real, estrada em fora,
Iluminada por divinas leis,
Busca num Presépio onde, contrita, adora
A um menino plebeu que é Rei dos Reis.

Também, no mesmo mês, no mesmo dia,
Outra estrela surgiu, também fez guia
À caravana dos meus sonhos. Fê-la

Alcançar o Presépio da Ventura.
Hoje brilha no céu. E em mim perdura
A saudade sem fim da minha Estrela.

Fortaleza, 06.01.1941 (Aniversário de nascimento de minha nunca esquecida ESTRELLINHA).

Viúvo e solitário aos 48 anos, com a filha já casada e os filhos estudando fora, Oswaldo contraiu segundas núpcias com a encantadora jovem Mariana Zita de Paiva Timbó, nascendo-lhes igualmente quatro filhos.

Sua descendência constituiu-se assim de quatro casais.

A proximidade do nascimento do primogênito do segundo matrimônio, inspirou a Oswaldo o poema VIDA, consagrado à Zita.

Vida

Gosto de te ver
Assim,
Cheia de mim,
Minha vida palpitando no teu ser,
Minha vida
Vivendo na tua vida.
Vivendo na tua vida.

E no calor
De teu seio protetor,
Nossas vidas
Envolvidas
Numa simbiose florida,
Viverão noutra vida.

Também,
Pelo tempo além,
Essa nova vida em flor
se desdobrará
e Eternizará
O nosso amor.

Janeiro-1943
(Oswaldinho nasceria em julho).

O meio e o Homem

Meu avô José Lourenço, homem empreendedor de larga visão, chegou ao Ipu como caixeiro comercial no momento adequado. No início do maior surto de progresso que a cidade jamais conhecera.

Oportunista e ousado, estabeleceu-se por conta própria em atividades mercantis.

A privilegiada situação geográfica do município preconizava seu destino como importante entreposto comercial, consolidado com o advento da ferrovia ligando o porto marítimo de Camocim aos sertões produtivos de vasta região do Ceará e do Piauí.

Ipu era a estação terminal da Estrada de Ferro de Sobral.

Papai jocosamente lembrava ter chegado ao Ipu no mesmo dia que a primeira locomotiva.

Sob a competente direção do Engenheiro João Thomé de Sabóia e Silva, instalou-se ali o escritório central de projetos da empresa.

De outra parte, a Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS – fixou em Ipu um contingente de técnicos para implantar os trabalhos da rodovia de acesso ao norte do Piauí, galgando a Serra da Ibiapaba. Simultaneamente construía o Açude Bonito para abastecer a cidade.

O afluxo de profissionais de diversos níveis convivendo com os intelectuais nativos e os círculos sociais de Ipu, elevaram a cidade ao seu apogeu cultural, geminado ao desenvolvimento econômico.

Em um átimo José Lourenço vislumbrou a excepcional oportunidade de ampliação de seus negócios, apoiado naquela infra-estrutura.

E logo sentiu a necessidade de capacitar um sócio e sucessor confiável e competente na pessoa de seu filho mais velho, Oswaldo, então com 14 anos.

Sem atentar para as aspirações e vocação do escolhido, iniciou-o no comércio, instalando para o jovem a Casa Mimosa, de modas, na vizinhança e sob a responsabilidade paterna.

Entrementes, com a rápida consolidação e expansão de seu comércio, a firma individual logo evoluiu para a empresa J. Lourenço & Cia, admitindo como sócios seu genro Antônio Mont'Alverne Filho e seu filho Oswaldo, tão logo atingiu a maioridade.

Muito breve transformou-se no maior e mais diversificado complexo empresarial do norte do Estado, sob o comando de José Lourenço.

Além das atividades comerciais passou a atuar ma agricultura e, sobretudo, na pecuária. Iniciou-se ao mesmo tempo na indústria.

Ao entreposto de Ipu, sede da firma, acorriam comboios com produtos extrativos a serem exportados para o sul do país, para a França, Inglaterra e Alemanha. De lá, importava manufaturados, distribuídos através das filiais de Ipueiras e Crateús e do escritório de despachos de Camocim.

Especial ênfase mereceu o comércio pioneiro de gado vacum para a Amazônia, transportado por um frota de quatro navios para os escritórios de Belém e Manaus.

Infelizmente, o setor primário da produção é muito vulnerável às variações climáticas.

Ainda não refeito das trágicas conseqüências da seca de 1915, quatro anos depois a população rural foi flagelada com calamidade mais intensa.

Em 1919 a ausência de chuvas dizimou as gentes, as lavouras e os rebanhos. O mercado foi duplamente golpeado.

Sem o fluxo da produção, os camponeses não podiam honrar os seus débitos, nem os comerciantes obter novos créditos.

Assim transcorreu 1920 com a firma apenas administrando a crise financeira. Foi quando o golpe fatal a atingiu.

Em 16 de setembro, aos 53 anos, subitamente faleceu José Lourenço.

Já viúvo e deixando quatro filhos inuptos, coube a Oswaldo Araújo a penosa e difícil missão de atender à família desolada, gerir o inesperado espólio e promover a liquidação da firma J. Lourenço & Cia. como sócio remanescente.

Sua formação moral opunha-se formalmente à cobrança judicial de rurícolas inadimplentes, lutando pela sobrevivência. Igualmente inaceitável era a insolvência para com seus fornecedores.

Assim, para resguardar ilibada a memória de seu Pai e a honorabilidade de sua firma, Oswaldo decidiu avocar a si próprio o oneroso encargo de cobrir todo o passivo, sem vinculá-lo à insolvência dos rurícolas vitimados pela seca.

A despeito dos sacrifícios árduos impostos a si, com a solidariedade de sua família quitou o débito da firma até o último centavo.

Estudos

Desde cedo destinado ao comércio, Oswaldo Araújo pouco tempo dedicou aos estudos.

Transcorreram eles na precariedade de transitórios educandários particulares, já que na cidade inexistia o ensino público.

Imprevistas circunstâncias levaram a Ipu, em 1903, dois cultores do magistério e das letras: Francisco Martins Ferreira Teles de

Souza e seu irmão Joventino. Ambos integrantes do "Centro Literário" de Fortaleza, freqüentado por Farias Brito.

No "Colégio José de Alencar", por eles fundado, Oswaldo estudou durante os dois anos de funcionamento do educandário.

Sem outra escola conveniente para prosseguir os estudos fundamentais, o jovem aluno partiu para o autodidatismo, utilizando métodos alternativos.

Já casado, passou a preocupar-se seriamente com os estudos dos seus filhos. Não admitia para eles a situação a que se sujeitara.

Começou a cogitar de sua mudança para Fortaleza, assegurando-lhes não apenas a educação mas a permanência na convivência familiar.

Concluídas as festividades do Mártir Santo, Padroeiro da Cidade, a família partiu do querido pé-de-serra para a capital, a 28 de janeiro de 1933.

Aqui empregado em uma multinacional de seguros e instalada a família, matriculou os filhos nos melhores educandários de Fortaleza.

Deparando-se com um jornal verberando sobre a concentração de estabelecimentos de ensino na capital, em detrimento do interior, prestou-lhe solidariedade com depoimento pessoal: "Eu, por exemplo, estou aqui, sem conforto e com enormes prejuízos para a minha produção agrícola, unicamente pela necessidade de instruir e educar meus filhos".

Sacrifício de tal vulto, imprimiu traços profundos e indeléveis na vida econômica, profissional e familiar de meu Pai.

A luta foi árdua, inclemente e sem trégua.

Oswaldo acabou vencendo todos os embates pela inflexibilidade de sua têmpera e firmeza do seu caráter.

Ao final, proporcionou a cada filho a educação desejada, no nível e local por eles escolhidos,

Hoje somos dois engenheiros, um médico, um geólogo e três professoras. Recentemente faleceu o oitavo filho, o Padre Doutor José Lourenço de Aragão Araújo, "suma cum laude" na Universidade Gregoriana de Roma. Seis dentre nós orientamo-nos para o magistério superior.

Amor à Terra Natal

O afeto ao seu "pé-de-serra" intensificava-se com o decorrer do tempo.

Qualquer assunto polêmico envolvendo o Ipu feria o brio do filho dedicado e merecia imediato posicionamento.

A imprensa era a arena para tais prélios, a tribuna para elevar sua voz.

À calamidade da seca do Quinze, impunha-se ao Estado submeter-se ao infortúnio de um exacerbado pleito eleitoral.

O idealismo dos vinte anos despertou em Oswaldo um prurido de salvação do Ceará. Em carta à "A Luta", de Deolindo Barreto, convocava o vibrante jornal a apoiá-lo no lançamento da candidatura de João Thomé à curul presidencial, sucedendo Benjamim Barroso.

Deolindo declinou do desafio, mas Oswaldo não abandonou a liça. Voltou-se para o "Rebate" insistindo. Acatada a sugestão, a candidatura foi lançada e logo endossada pela colônia cearense no Rio.

"Venceu a candidatura de João Thomé! E venceu sem competidor".

Identificando o autor da propositura, o novel presidente do Ceará convidou-o a assumir a Prefeitura Municipal de Ipu. "Declinei da distinção, declara Oswaldo Araújo, pare não parecer que a minha iniciativa visasse algum interesse futuro".

Assim, desde a juventude, o caráter de Oswaldo.

No campo político, assumira interinamente a Prefeitura de sua cidade, presidira a sua Câmara Municipal e, em 1930, candidatara-se a Prefeito. Viu entretanto frustrada sua promissora campanha face ao golpe de Getúlio Vargas, cancelando as eleições em todo o país.

Em 5 de junho de 1963, Oswaldo Araújo, através da imprensa, foi um dos arautos do centenário de nascimento do maior dos filhos de Ipu. Assemelhou-o a "Mauá pela visão penetrante do seu idealismo construtivo, pelo arrojo temerário de suas realizações" .

No seu artigo exalta o pioneiro de Paulo Afonso. Sozinho, com seus próprios recursos e prestigio. Desafiou a cachoeira do rio São Francisco, decidido a libertar o Nordeste da escravidão econômica com a hidroelétricaa de Pedra. A usina geraria energia para irrigar e industrializar o sertão.

Em Pedra, hoje Delmiro Gouveia, em Alagoas, implantou uma cidade, inicialmente para seus operários, com infra-estrutura física e social ainda hoje desconhecida na região.

Foi o mártir do desenvolvimento do Nordeste, abatido por assassinos a serviço de multinacionais.

Em 1951, dois jornalistas publicaram matérias divergindo quanto à naturalidade de Delmiro. O de Última Hora, do Rio, assegurava ter sido Sobral o berço do desventurado desbravador do Nordeste, enquanto o de O Povo, desta cidade, atribuía esta honra à cidade de Guaraciaba do Norte.

Oswaldo repudiou o ultraje de ambos à glória de sua terra. Após ampla e irrefutável documentação, comprovou ser Delmiro Gouveia ipuense como ele.

Vencida a demanda de demonstrar ter Ipu servido de berço a um herói, avocou igual honraria a uma figura mitológica – a virgem dos lábios de mel.

Em 1965 os meios literários nacionais e o Estado do Ceará comemoravam o centenário do lançamento de Iracema, o imortal romance de José de Alencar.

Dentre as festividades, o Prefeito Murilo Borges inaugurou uma estátua, doada pela Capital, em cuja base inscreveu o seguinte dístico: Homenagem do Município de Fortaleza -onde nasceu José de Alencar, ao Município de Ipu – onde nasceu Iracema.

Ainda não se tinham iniciado as comemorações pelo evento e já era disputada a cidadania da Doce Tabajara.

Foi uma surpresa para Oswaldo, pois sempre ostentara com ufania a honra de ser conterrâneo da musa de Alencar.

O senador Hugo Napoleão, abordando o litígio fronteiriço entre Piauí e Ceará, obteve a inserção na coluna do ipuense Aderson Magalhães, o All Right do Correio da Manhã, do Rio, missiva encaminhada a Oswaldo Araújo.

Como Alencar iniciava seu romance, argumentava, proclamando que além, muito além daquela serra... nasceu Iracema, concluía ser a serra a da Ibiapaba, portanto, a bela indígena seria piauiense e não cearense.

Naturalmente tudo não passava de gracejo pois Iracema era apenas um anagrama.

Mesmo assim Oswaldo foi à luta através de pesquisas. Nas cercanias de Ipu teve "ocasião de ver dois autênticos **camocins**, potes de barro contendo ossos humanos". Identificados como tendo pertencido, incontestavelmente, a indígenas da nação tabajara.

A Hemeroteca

A menor de todas as sementes, crescendo, faz-se árvore em cujos ramos vêm pousar as aves do céu, diz a parábola.

Assim, um velho jornal, de dimensões exíguas e periodicidade falha, sob os cuidados de um jovem idealista e persistente, converteu-se no mais precioso acervo histórico da imprensa no Brasil.

Em 1959, Herbert Moses visitou mostra parcial da Coleção de edições de estréia de periódicos brasileiros. A seleção das publicações foi atribuição pessoal de Oswaldo Araújo para o VIII Congresso Nacional de Jornalismo, realizado nesta Capital. Manifestando surpresa e respeito pelo acervo, Moses subscreveu no livro de impressões: "A coleção de jornais que visitei representa a própria vida do Brasil".

Ao retornar a sua coluna em "O Globo", do Rio de Janeiro, complementou suas elogiosas referências à hemeroteca de Oswaldo Araújo, afirmando: "Se a Associação Brasileira de Imprensa a possuísse teria o mais importante museu de Imprensa da América Latina".

Em 1974, em nome da Diretoria da Associação Brasileira de Imprensa, seu presidente, o jornalista Elmano Cruz, encaminhou mensagem a José Oswaldo de Araújo. Manifestava admiração pela importância que sua coleção de periódicos significa para a história da imprensa no Brasil e para um futuro "Museu da Imprensa". E prosseguiu: "quem, durante tanto tempo se prestou a reunir material tão significativo, tem perfeita consciência de sua relevância".

O atual presidente do Instituto do Ceará, Geraldo da Silva Nobre, a quem devemos a honra de presidir esta solenidade, lançava em "O Povo", já em maio de 1965 matéria intitulada "Para a história do Jornalismo Cearense".

Nas suas considerações aborda os "estudos hemerográficos, praticamente desconhecidos no Brasil, a despeito de a Bio-Hemerografia vicejar em vários países da América Latina.

Para iniciá-la, afirma o articulista, "a primeira providência é o arquivamento sistemático e continuado da matéria jornalística".

E no Ceará, prossegue, entre as precárias coleções oficiais e aquelas raras e dispersas de iniciativa particular, ressalta o trabalho do Barão de Studart e "mais recentemente o empenho de J. Oswaldo Araújo, proprietário de uma coleção de primeiros números de publicações impressas no Estado".

Para uma verdadeira História da Imprensa, conclui, sugere a criação de um Instituto dedicado aos estudos hemerográficos, de inestimável valor para a "História do Ceará", preconizada por Tomas Pompeu Sobrinho.

De outra parte, em discurso inaugurando em 1971 uma exposição de periódicos, o jornalista J. C. Alencar Araripe, falando em nome dos Diretores de Jornais, da A.C.I.. do Sindicato dos Jornalistas Profissionais e do Curso de Comunicação Social, lança a idéia da instalação de um Museu da Imprensa.

Fundamentando a iniciativa declara: "O acervo de jornais em poder de Oswaldo Araújo encerra autênticas preciosidades, que permanecem guardadas com carinho, mas que mereciam a sua apresentação sistemática em uma exposição permanente. Seria o começo de um museu, único no Brasil"..

Em apoio à iniciativa, Oswaldo Araújo lembrou ter a Associação Brasileira de Imprensa, anteriormente, declarado que organizaria um museu de jornais se dispusesse de um acervo como o existente no Ceará.

Mas como originou-se essa coleção? Como o pequenino jornal transmudou-se no frondoso acervo da atual hemeroteca para onde afluem tantos pesquisadores.

Eis o testemunho de Oswaldo Araújo, em artigo de 1966 intitulado "Gênese de uma Coleção".

Em 1910, durante a revolução da Armada, aos 16 anos, Oswaldo recebeu convite de um companheiro de pensão para conhecer sua coleção de jornais. "Nada mais era que uma pilha de jornais amontoados no canto de um quarto", concluiu o visitante. De qualquer maneira, despertou-o para uma coleção análoga.

Ao retornar do Ipu encaminhou-se para o escritório de seu pai, onde deparou-se com jornais de diversas datas.

"O primeiro que compulsei, diz Oswaldo, foi o "DIÁRIO DO GOVERNO DO CEARÁ, aparecido em Fortaleza no ano de 1824. Era o *Primeiro Número*. Número 1 – Ano 1. Deu-me então o "estalo" de que falava Padre Antônio Vieira. Vou colecionar o 1º número de periódicos do Brasil. Seria o mais expressivo da vida de um jornal, por trazer o seu programa e suas diretrizes".

Desde aquele dia tratou logo de preparar um livro para registro e de organizar um fichário. "Era a gênese da COLEÇÃO OSWALDO ARAÚJO de primeiro número de periódicos brasileiros (jornais, revistas, boletins, etc.)"

A partir daquela data a Coleção jamais deixou de crescer. Em 1975, ao falecer, Oswaldo Araújo legou um acervo superior a 7.000 exemplares.

Desde então, seus filhos continuam a ampliar a Coleção.

Entretanto, vale destacar com justiça: a Coleção nunca teria atingido cifra tão elevada, não fora a valiosa colaboração de pessoas amigas e mesmo desconhecidas, doadores generosos e fiéis de novos exemplares.

A divulgação pela mídia das elevadas finalidades da hemeroteca tem sido fator importante do índice de seu crescimento.

Oswaldo agradecia com presteza e reconhecimento cada oferta que recebia. Essa atitude cortês iniciou e consolidou dedicadas amizades.

Não dispondo de qualquer subsídio ou auxiliar, todos os encargos de organização e manutenção da hemeroteca repousavam exclusivamente sobre sua pessoa e seus parcos vencimentos.

A despeito ao acervo instalar-se em modestas estantes, cada exemplar protegido por envelopes usados, a conservação não era comprometida e fácil o acesso à publicação desejada.

Numerosa e diversificada a clientela da Coleção. De especialistas estrangeiros a singelos interioranos desejosos de rever o jornalzinho de sua terra, desaparecido com a 1ª edição. Servia tanto a teses de doutorado como a gincanas de colegiais. Ou a jornalista ávido por matéria invulgar ou interessado em preencher sua coluna diária.

A todos Oswaldo atendia pessoal e solicitamente, orientando e facilitando o acesso ao objeto da pesquisa.

Sem receber qualquer estipêndio ou mesmo uma citação de procedência da consulta.

Entre as exceções, a professora Regina Cláudia Pamplona Fiúza, na sua dissertação de Mestrado em Literatura pela U. F. do Rio de Janeiro, em 1977: "homenageando a memória de José Oswaldo de Araújo, grande colecionador de jornais que, pouco antes de falecer, nos prestou inestimável auxilio ao nos permitir que fotocopiássemos os números que faltavam para completar a nossa coleção do jornal "O Pão".

Ou J. C. Araújo, repórter de "O Povo", em 1954: "As informações que nos foram prestadas pelo Sr. Oswaldo satisfizeram plena-

mente. Manuseamos os jornais e revistas que quisemos e tiramos os apontamentos que bem desejamos".

Essa prestimosidade de Oswaldo não se restringia aos consulentes de sua coleção mas, em qualquer atividade por ele exercida. É a afirmação da historiadora Luciara de Aragão e Frota, em 1974, na imprensa local: "poucos locais de pesquisa serão tão agradáveis quanto o Instituto do Ceará, graças a orientação e ao esforço pessoal de Oswaldo Araújo".

Oswaldo era a antítese do egoísta, do ambicioso a quem anatematizou em versos candentes.

Dedicou-se por anos a fio à Associação Cearense de Imprensa, cuja Diretoria e Conselho Superior integrou desde 1963, merecendo homenagem, em sessão especial presidida por Perboyre e Silva, pelo transcurso do 50º aniversário da Coleção de periódicos de Oswaldo Araújo.

Em atitude de desprendimento e colaboração doou diversos exemplares de sua Coleção, contribuindo para a organização do incipiente acervo de periódicos da A.C.I., posteriormente denominado "Hemeroteca Oswaldo Araújo".

Decidida participação prestou igualmente à hemeroteca do Instituto do Ceará.

Em 1964 integrou comissão da Diretoria da A.C.I. para pleitear do Magnífico Reitor da UFC, Antônio Martins Filho, ilustre consócio deste Instituto, a fundação de um Curso para Jornalista".

Posteriormente, em 1971, apoiou pela imprensa a proposição do jornalista J. C. Alencar Araripe para a fundação do "Museu da Imprensa".

Frustrado que fora na realização de estudos jurídicos, encontrou na sua coleção de periódicos ambiente e estímulo para desenvolver sua cultura pelos instrumentos da pesquisa como jornalista, escritor e poeta.

Para Oswaldo Araújo a Coleção foi o orgulho dos seus empreendimentos. Era sua enciclopédia. O seu lazer preferido. O abrigo nas suas horas de insônia e de tédio.

A Oswaldo Araújo Deus reservara o carisma do servir. Era sua maneira de amar ao próximo, uma característica maior de sua personalidade.

Assim procedeu com os pobres socorridos pela Conferência Vicentina que presidira. Com seus companheiros rotarianos. Na profissão de agente de seguros-de-vida. No desempenho de funções no Instituto de Antropologia e neste Instituto do Ceará.

Sobretudo, em cada instante e circunstância, em assistir amorosamente a sua família.

Assim era José Oswaldo de Araújo: o servidor, o amigo, o pai, o cristão. Objeto do nosso afeto neste Centenário.

(Discurso pronunciado na sessão do Instituto do Ceará de 17 de março de 1994).